

CARNAVAL ATLÂNTIDA

Por Josimey Costa da Silva¹

A produção cinematográfica brasileira viveu um florescer intenso durante as décadas de 40 e 50 em virtude de fatores diversos. Entre eles, estava o fato de que o rádio tinha um sistema de estrelato consolidado, com vários cantores e cantoras de grande sucesso comercial e também o lançamento de decreto criando obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais nas salas de cinema na década de 30 por Getúlio Vargas². Essas condições permitiram o surgimento dos grandes estúdios de produção cinematográfica Cinédia, Atlântida e Vera Cruz. A Cinédia, que lançou Carmem Miranda, e a Vera Cruz apostaram num padrão técnico elevado e em enredos dramático para os seus longas-metragens. Já a produtora carioca Atlântida acabou optando pelo sucesso comercial que lhe renderam as comédias musicais parodiando o padrão hollywoodiano dos filmes e a própria produção nacional de cinema.

Nesse sentido, “Carnaval Atlântida” (1952) é um filme exemplar. Chanchada típica dirigida por José Carlos Burle, irmão de Moacir Fenelon e um dos donos do estúdio Atlântida, contou com Carlos Manga como diretor dos números musicais que compõem o seu enredo. A estrela principal é Eliana Macedo, sobrinha de Watson Macedo, um dos principais diretores do estúdio, responsável por transformar Grande Otelo e Oscarito em grandes estrelas do cinema brasileiro da época, como comprova o sucesso e a permanência atemporal de “Este mundo é um pandeiro”, produzido em 1947. Em “Carnaval Atlântida” estavam todos esses atores, e mais Cyll Farney, José Lewgoy, Wilson Grey, para citar apenas alguns. Não foi à toa que o filme ganhou o nome do estúdio.

A Atlântida, em 21 anos de atividade ininterrupta, produziu 66 filmes com grande aceitação do público, embora a crítica preferisse o padrão Vera Cruz de cinema. Aproveitou o sucesso de vários filmes norte-americanos para criar os seus, como foi o caso de dois títulos de Carlos Manga de 1954, “Nem Sansão, nem Dalila” e “Matar ou correr”, que parodiam “Sansão e Dalila”, de Cecil B. de Mille, e o clássico “Matar ou morrer”, de Fred Zinnemann. “Carnaval Atlântida” segue a mesma linha de paródia, com uma imitação que repete o modelo usando de distanciamento crítico e invertendo os valores. Embora o termo chanchada remeta a má qualidade e muitas das críticas aos filmes desse gênero sejam nesse sentido, vários títulos do estúdio superaram esse limite. “O homem do Sputnik”

¹ Josimey Costa da Silva é doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP e docente/pesquisadora na UFRN. Tem diversos artigos e capítulos de livros publicados, além de co-organização do livro “Complexidade à flor da pele” (Sulinas, 2003). Também é poeta, contista e *videomaker*.

² Decreto Nº 21.240/32, que entrou em vigor em 10/01/1933 e foi revogado pelo Decreto Nº 99.678 de 09/11/1990 (CALDAS; MONTORO, 2006: 197).

(1959), do mesmo diretor, é um deles e considerado o melhor do gênero por muitos especialistas.

Na chanchada, predomina um humor ingênuo, burlesco, de caráter popular. Os atores utilizam abundantemente recursos corporais e clichês para criar situações cômicas. O humor, tanto na vida cotidiana como na arte, é um importante recurso para a compreensão e crítica da estética e das práticas sociais como um todo, mas é aprisionado pela cultura das elites dentro dos limites do lazer “não-sério”. Desde Aristóteles, o riso tem sido objeto de indagação. Hoje, sabe-se que o riso é demolidor; demonstra uma possibilidade de ver as coisas e a si mesmo abstraídos de sua existência concreta e carregados de uma conotação simbólica peculiar, com forte potencial político para a subversão.³

A Atlântida foi grandemente responsável pelo sucesso das chanchadas adotando temas carnavalescos em comédias musicais associados a aspectos do cotidiano, anedotas tipicamente cariocas e o comportamento malandro que rendeu tantos personagens de produções literárias e artísticas brasileiras, seja Macunaíma⁴, seja João Redondo, do Teatro de Mamulengo, todos espertos, zombeteiros, situados além do bem e do mal. Embora a chanchada seguisse um enredo quase sempre padronizado, em que os protagonistas são perseguidos pelo vilão e auxiliados pelo cômico, com recheio de músicas de carnaval e final invariavelmente feliz, a receita vinha temperada pelo deboche.

É isso o que faz toda a diferença em “Carnaval Atlântida”. No filme, a crítica tem o peso do humor; não poupa Hollywood nem o cinema nacional, não valoriza a erudição e nem sacraliza o popular. Com o recurso da metalinguagem, o enredo apresenta um caricaturalmente sisudo professor de mitologia grega (Oscarito) que é contratado pelo produtor todo-poderoso Cecílio B. de Milho (Renato Restier) – quem seria hoje o nome da vez a ser satirizado? – como consultor da adaptação do clássico “Helena de Tróia” para o cinema. Ao mesmo tempo, dois empregados do estúdio (Grande Otelo e Colé Santana), roteiristas que acabam trabalhando como faxineiros, sonham – e o filme mostra seus sonhos – em transformar o épico grego numa comédia carnavalesca. Nesses sonhos, Carlos Manga mostra suas vedetes cantando e dançando músicas de carnaval.

Esta é, aliás, uma característica do filme que chama a atenção para a revolução de costumes que o cinema protagonizou na sociedade brasileira dos anos 40. Conservadoras quanto aos papéis sexuais, as mentalidades da época, contudo, admitiam mulheres com

³ Para maior aprofundamento, consultar texto publicado pela Revista *Communicare* (2002) referenciado no final deste artigo.

⁴ Personagem da obra homônima (1928) de Mário de Andrade.

roupas exíguas rebolando como hoje o fazem as dançarinas de “É o Tchan”⁵, com uma diferença apenas na velocidade e frequência dos movimentos de quadril. Não tanta diferença como se poderia esperar considerados 60 anos de distância. Mesmo então, as estrelas de cinema podiam muito, quase tudo, embora as mulheres comuns devessem se casar para ficar em casa.

A ênfase no corpo das atrizes e dançarinas, o guarda-roupa suntuoso das mulheres que se vestiam, se penteavam e se maquiavam em todas as cenas como divas; o apelo dos galãs; a empatia dos comediantes e a presença de cantores famosos denuncia alguma reprodução dos padrões hollywoodianos que o filme parodiava. A fórmula de sucesso das chanchadas não prescindia do *star system* criado pela indústria cinematográfica norte-americana e representado em “Carnaval Atlântida” por um elenco nacional estelar. A indústria fonográfica ajudava no sucesso do filme e também se beneficiava dele, exatamente como ocorria do outro lado do continente americano. A crítica à Hollywood referia-se muito mais aos temas e à postura geral que à forma, uma vez que havia aqui como lá a mesma exaltação aos musicais, que eram visualmente grandiosos, ainda que os recursos técnicos não fossem igualmente desenvolvidos e o escracho não deixasse ninguém se levar muito a sério por aqui.

Nesse limite ambíguo entre a citação e a irreverência, “Carnaval Atlântida” põe em oposição cultura erudita e cultura de massas, brinca com os elementos populares e elitistas e faz comédia sem descuidar da crítica. A música, interpretada pelos grandes nomes da época, colabora muito. Um dos títulos, “Queria ser patroa” (M.Pinto e Airão), com Eliana Macedo, é uma denúncia contundente, ainda que sob a guarda do bom humor, contra a desigualdade social que persiste na relação entre os extratos sociais por meio do serviço doméstico.

O diretor, José Carlos Burle, roteirizou, dirigiu e montou/editou “Carnaval Atlântida”. Não chega a ser muito para quem esteve trabalhando no cinema dos anos 30 até os anos 60 e, nesse tempo, dirigiu 23 filmes, roteirizou 18, montou/editou 12, atuou em 8 e produziu e dirigiu artisticamente 7 deles. A experiência acumulada não foi em vão e se revela no uso competente do formato de “revista musical” visto no filme, no qual as câmeras permanecem paradas enquanto os artistas se movimentam no cenário e dublam as canções, o que é uma das principais marcas visuais das chanchadas. “Carnaval Atlântida” foi uma produção que marcou a história da companhia de cinema carioca por ser uma paródia sobre a própria chanchada, definida como opção num país em que a

⁵ Grupo baiano de axé *music* e neo-pagode que ganhou notoriedade nacional a partir de 1995 com o *hit* “Dança do Tchu-tchu”.

superprodução cinematográfica é inviável economicamente. A produção de "Carnaval Atlântida" gerou uma série de outros filmes com a fórmula de uma nova fase da chanchada, que assim se prolongou com sucessos por quase uma década mais.

FICHA TÉCNICA

CARNAVAL ATLÂNTIDA

Título Original: Carnaval Atlântida / Gênero: Comédia / Tempo de Duração: 95 min. Ano de Lançamento (Brasil): 1952 / Estúdio: Flama Filmes / Distribuição: U.C.B. União Cinematográfica Brasileira / Direção: José Carlos Burle / Direção dos números musicais: Carlos Manga / Roteiro: José Carlos Burle, Victor Lima e Berliet Júnior / Fotografia: Amleto Daisé / Edição: Waldemar Noya e José Carlos Burle.

Elenco

Oscarito (Prof. Xenofontes) / Grande Otelo / José Lewgoy / Cyll Farney / Eliana Macedo / Colé Santana / Renato Restier (Cecil B. DeMilho) / Wilson Grey / Maria Antonieta Pons / Iracema Vitória / Cuquita Carballo / Nora Ney / Blecaute / Dick Farney

Números musicais:

"No tabuleiro da baiana" (Ari Barroso), com Grande Otelo e Eliana Macedo / "Acho-te uma graça" (Benedito Lacerda, Haroldo Lobo e Carvalhinho) / "Agora é cinza" (Alcebíades Maia Barcelos e Armando Vieira Marçal) / "Ai que saudade da Amélia" (Ataulfo Alves e Mário Lago) / "É bom parar" (Rubens Soares) / "Rasguei a minha fantasia" (Lamartine Babo) / "Serpentina" (Haroldo Lobo e David Nasser) / "O teu cabelo não nega" (João Valença e Raul Valença) / "Ninguém me ama" (Fernando Lobo e Antônio Maria) com Nora Ney / "Um domingo no jardim de Allah" (Lírio Panicalli e Ewaldo Ruy) / "Marcha do conselho" (Paquito e Romeu Gentil) com Bill Farr / "Valsa da formatura" (Lírio Panicalli e Claribalte Passos), com a orquestra de Chiquinho / "Dona Cegonha" (Armando Cavalcanti e Klecius Caldas) com Blecaute e Maria Antonieta Pons / "Quem dá aos pobres" (Klecius Caldas e Armando Cavalcanti) com Francisco Carlos / "Máscara da face" (Armando Cavalcanti e Klecius Caldas) / "Pastorinhas" (Noel Rosa e João de Barro) / "Pirata" (João de Barro e Alberto Ribeiro) / "Se a lua contasse" (Custódio Mesquita) / "Um pierrot apaixonado" (Heitor dos Prazeres e Noel Rosa) / "Praça 11" (Herivelto Martins e Grande Otelo) / "Marcha do sapinho" (Humberto Teixeira e Norte Victor), com Oscarito e Maria Antonieta Pons / "Mambo caçula" (Benício Macedo e Bené Alexandre), com Maria Antonieta Pons e Oscarito / "Cachaça" (Mirabeau Pinheiro, Lúcio Castro e Heber Lobato) com Grande Otelo e Colé Santana / "Baião" (Humberto Teixeira e Luiz

Gonzaga) / "Alguém como tu" (José Maria de Abreu e Jair Amorim), com Dick Farney / "Queria ser patroa" (M.Pinto e Airão), com Eliana Macedo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Ricardo W; MONTORO, Tânia. A evolução do cinema brasileiro no Século XX. Brasília, Casa das Musas, 1960.

CATANI, Afrânio e SOUZA, J.Inácio de Melo. A Chanchada no Cinema Brasileiro. São Paulo, Brasiliense, 1983.

FELIPE, Edmilson. Por uma história do riso: Carlos Manga e a chanchada no Brasil. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação da Prof.^a Dr.^a Silvia Simões Borelli. São Paulo/SP, 2001.

GALDINI, Ana Paula. ...E o país se diverte. *In*: Cinemando: Pensando o cinema. Disponível em: <http://www.cinemando.com.br/200211/historico/chanchadas.htm>

MACARIO, Leonardo Côrtes. Carnaval Atlântida: o manifesto musical da chanchada carnavalesca. Dissertação de mestrado defendida junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro sob orientação da Prof.^a Dr.^a Consuelo da Luz Lins. Rio de Janeiro/RJ, 1999.

SALLES, Filipe. A Atlântida de 1950 A 1960. *In*: Mnemocine. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/atlantfil.htm>.

SANTANA, Sandro. Atlântida. *In*: Mnemocine. Disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/cinema/historiatextos/atlantida.htm>

SILVA, Josimey Costa da. O humor nada objetivo e um jornalismo muito sério. *In*: Comunicare: Revista de pesquisa/ Centro Interdisciplinar de Pesquisa, Faculdade Cásper Líbero - v. 2, n. 2 (2002). - São Paulo: Faculdade de Comunicação Cásper Líbero, 2002.

SILVA NETO, Leão da. Dicionário de filmes brasileiros: longa-metragem. 1^a ed. São Paulo, A. L. da Silva Neto, 2002.

TOSI, Juliano. Todos os filmes citados. *In*: Contracampo – Revista de cinema. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/27/todososfilmes.htm>